

Saga

O mar do Norte, verde e cinzento, rodeava Vig, a ilha, e as espumas varriam os rochedos escuros. Havia nesse começo de tarde um vaivém incessante de aves marítimas, as águas engrossavam devagar, as nuvens empurradas pelo vento sul acorriam e Hans viu que se estava formando a tempestade. Mas ele não temia a tempestade e, com os fatos inchados de vento, caminhou até ao extremo do promontório.

O voo das gaivotas era cada vez mais inquieto e apertado, o ímpeto e o tumulto cada vez mais violentos e os longínquos espaços escureciam. A tempestade, como urna boa orquestra, afinava os seus instrumentos.

Hans concentrava o seu espírito para a exaltação crescente do grande cântico marítimo. Tudo nele estava atento como quando escutava o cântico do órgão da igreja luterana, na igreja austera, solene, apaixonada e fria.

Para resistir ao vento, estendeu-se ao comprido no extremo do promontório. Dali via de frente o inchar da ondulação cada vez mais densa como se as águas se fossem tornando mais pesadas.

Agora as gaivotas recolhiam a terra. Só a procelária abria rente à vaga o voo duro. A direita, as longas ervas transparentes, dobradas pelo vento, estendiam no chão o caule fino. Nuvens sombrias enrolavam os anéis enormes e, sob uma estranha luz, simultaneamente sombria e cintilante, os espaços se transfiguravam. De repente, começou a chover.

A família de Hans morava, no interior da ilha. Ali, o rumor marítimo só em dias de temporal, através da floresta longínqua, se ouvia.

Mas ele vinha muitas vezes até à pequena vila costeira e, esgueirando-se pelas ruelas, caminhava ao longo do cais, ao lado de botes e veleiros, atravessava a praia e subia ao extremo do promontório. Ali, no respirar da vaga, ouvia o respirar indecifrado da sua própria paixão.

Nesse dia, quando ao cair da noite entrou em casa, Hans curvou a cabeça. Pois aos catorze anos já tinha quase a altura de um homem e, em Vig, as portas de entrada são baixas.

Assim é desde o tempo antigo das guerras quando os invasores que ocupavam a ilha penetravam nas casas de cabeça erguida mas exigiam que a gente da ilha se curvasse para os saudar. Então, os homens de Vig baixaram o lintel das suas portas para obrigarem o vencedor a baixar a cabeça.

Sören, pai de Hans, era um homem alto, magro, com os olhos cor de porcelana azul, os traços secos e belas mãos sensíveis que mais tarde, durante gerações, os seus descendentes herdaram. Nele, como na igreja luterana, havia algo de austero e solene, apaixonado e frio. A casa e à família imprimia uma inominada lei de silêncio e reserva onde o espírito de cada um concentrava a sua força. De certa forma Sören reconhecia o risco que corria: sabia que é no silêncio que se escuta o tumulto, é no silêncio que o desafio se concentra. Mas ele impunha a si mesmo e aos outros uma disciplina de responsabilidade e de escolha dentro da qual cada um ficava terrivelmente livre. Havia porém algo de taciturno e ansioso em Sören: ele pensava talvez que a integridade humana, mesmo a mais perfeita, nada podia contra o destino. Do dever cumprido, da liberdade assumida, não esperava sucesso nem prosperidade, nem mesmo paz.

Os seus irmãos mais novos - Gustav e NieIs - tinham morrido no naufrágio de um veleiro que lhe pertencia. Sören sabia que o seu barco era um bom barco onde ele próprio inspeccionara com minúcia cada cabo e cada tábuas, sabia que os seus jovens irmãos eram perfeitos homens do mar e hábil e competente o capitão a quem tudo entregara. No entanto, o navio naufragou quando a experiência e o cálculo não mediram exactamente a força e a proximidade do temporal.

Mal a notícia do naufrágio foi confirmada pelo cargueiro inglês que dois dias depois recolhera ao largo os destroços do veleiro desmantelado - o mastro partido, as bóias, o bote virado - Sören vendeu os seus barcos e comprou terras no interior da ilha. Dizia-se mesmo que nunca mais olhara o mar. Dizia-se mesmo que nesse dia tinha chicoteado o mar.

No entanto Hans suspirava e nas longas noites de Inverno procurava ouvir, quando o vento soprava do sul, entre o sussurrar dos abetos, o distante, adivinhado, rumor da rebentação. Carregado de imaginações queria ser, como os seus tios e avós, marinheiro. Não para navegar apenas entre as ilhas e as costas do Norte, seguindo nas ondas frias os cardumes de peixe. Queria navegar para o Sul. Imaginava as grandes solidões do oceano, o surgir solene dos promontórios, as praias onde baloçam coqueiros e onde chega até ao mar a respiração dos desertos. Imaginava as ilhas de coral azul que são como os olhos azuis do mar. Imaginava o tumulto, o calor, o cheiro a canela e laranja das terras meridionais.

Queria ser um daqueles homens que a bordo do seu barco viviam rente ao maravilhamento e ao pavor, um daqueles homens de andar baloiçado, com a cara queimada por mil sóis, a roupa desbotada e rija de sal, o corpo direito como um mastro, os ombros largos de remar e o peito dilatado pela respiração dos temporais. Um daqueles homens cuja ausência *era* sonhada e cujo regresso, mais navio ao longe se avistava, fazia acorrer ao cais as mulheres e as crianças de Vig e a história que eles contavam era repetida e contada de boca em boca, de geração em geração, como se cada um a tivesse vivido.

Sören e Maria jantavam com os filhos, Hans e Cristina, em redor do círculo luminoso da lâmpada. Lá fora as madeiras da janela batiam, através da floresta arfava o rumor marinho da tempestade. Por entre as agulhas dos pinheiros e os ramos das bétulas perpassavam ecos, sibilâncias, gritos e, contra o céu baixo de nuvens, ressoava o longínquo tumulto da rebentação.

- Sören, que notícias ouviste hoje na vila? - perguntou Maria.

- Más notícias. O Elseneur devia ter entrado a barra a meio da tarde mas, ao pôr-do-sol, ainda não se avistava. Vão ser obrigados a passar o temporal e a noite no mar.

- É um bom barco - disse Hans que conhecia o Elseneur palmo a palmo. - É um navio que aguenta muito mar.

- Deus os guarde - murmurou Maria. Pois o Elseneur era o melhor navio de Vig e a sua tripulação era formada por gente da ilha, homens jovens que ela conhecia desde o berço, ou velhos lobos-do-mar que a conheciam desde a própria infância. Porém, nessa noite, enquanto Hans dormia, o Elseneur naufragou contra os rochedos negros das falésias.

Nenhum homem se salvou. O vento espalhou os gritos no clamor da escuridão selvagem, a força das braçadas desfez-se nos redemoinhos, a água tapou as bocas. Nem os que treparam aos mastros se salvaram, nem os que se meteram nos botes, nem os que

nadaram para terra. O mar quebrou tábua por tábua o casco, os mastros, os botes e os marinheiros foram rolados entre a pedra e a vaga.

Estas foram as notícias que as criadas de manhã trouxeram do mercado.

Nesse dia, à noite, depois do jantar, quando a mulher e a filha se levantaram da mesa, Sirena continuou sentado e disse a Hans:

- Fica.

Hans apoiou-se ao grande armário de madeira lavrada, fora do círculo da luz da lâmpada, semioculto na penumbra. Lá fora continuava o mau tempo e a ventania sacudia as portadas fechadas.

- Senta-te - ordenou Sören.

Hans avançando, entrou no círculo da luz, e sentou-se em frente de Sören e fitou o branco da toalha.

Quando o vento parava, ouvia-se um tilintar de loiça no interior da casa.

Um instante passou, pesado como um longo tempo. Finalmente Sirena falou:

- Hoje escrevi para Copenhaga. No fim deste Verão vais para lá estudar. Escolhe o que queres estudar.

- Quero ser marinheiro - respondeu Hans.

- Não. Escolhe outra coisa. Podes estudar leis ou medicina ou engenharia.

- Quero ser capitão de um navio.

Sören poisou as mãos sobre a mesa sob a luz branca e directa da lâmpada. Hans mais uma vez viu como elas eram belas, belas e penetradas de domínio em sua austera e contida paixão. No entanto, nesse momento, tremiam um pouco e Sören apertava-as uma contra a outra enquanto falava.

- Ouve - disse ele. - Esta manhã fui ao lugar do naufrágio, à Ponta do Norte. Fui acompanhar Knud que ia em busca do corpo dos seus dois filhos. O mar já tinha atirado muitos dos corpos para a praia. Mas estavam quase todos completamente desfigurados de tanto terem sido batidos contra os rochedos da falésia. A praia estava cheia de gente. Cada um procurava os seus mortos. Knud só pôde reconhecer os filhos pelo anel de prata que ambos usavam no terceiro dedo da mão direita. Disse: «Maldito seja o mar». Não hás-de ser marinheiro, Hans. Escolhe outro ofício. Não quero amaldiçoar o mundo onde nasci nem acusar o Deus que me criou. Muda de ideias. Promete-me que nunca serás homem do mar. Dá-me a tua palavra.

Hans fitou a toalha. Baixo e devagar, respondeu:

- Não posso.

Sirena apertou uma contra a outra as mãos, levantou-se em silêncio e saiu sem fechar a porta. Sob os seus passos ouviram-se gemer os degraus da escada. Depois, no interior da casa, soou o tilintar da loiça e subiu um riso de mulher. Hans estava de pé na penumbra, encostado ao armário de madeira lavrada.

Lá fora o vento fazia ressoar todas as suas harpas.

Em Agosto, chegou a Vig, vindo da Noruega, um cargueiro inglês que se chamava *Angus* e seguia para o Sul. O capitão era um homem de barba ruiva e aspecto terrível que navegara até aos mares da China. Foi no *Angus* que Hans fugiu de Vig, alistado como grumete.

Navegaram primeiro com bom tempo e o veleiro corria esticado no vento. Unido ao balanço, Hans, enquanto lavava o convés, polia os metais ou enrolava os cabos, aspirava a

veemência da vasta respiração marítima. Os seus ouvidos escutavam a força viva do navio que galgando a onda reencontrava o equilíbrio sobre o desequilíbrio das águas.

Depois atravessaram as tempestades da Biscaia. Ali a vaga media dez metros e a água tornara-se espessa, pesada e brutal em seu cinzento metálico. Todas as madeiras gemiam como se fossem despedaçar-se e sentia-se a tensão dos cabos repuxados. As ondas varriam o convés e o navio, ora erguido na crista da vaga ora caindo pesadamente, parecia a cada instante tocar o seu ponto de ruptura e desmantelamento. Mas Hans sentia a elasticidade do barco, a sua precisão de extremo a extremo e o equilíbrio que, entre vaga e contra-vaga, não se rompia. Mais tarde os navios de Hans nunca naufragaram.

Contornaram a terra, navegaram para o Sul e, ao cair de uma tarde, penetraram sob o arco das gaivotas, na barra estreita de um rio esverdeado e turvo, flutuante de imagens entre as margens cavadas. À esquerda, subindo a vertente, erguia-se o casario branco, amarelo e vermelho, misturado com os escuros granitos.

Na luz vermelha do poente a cidade parecia carregada de memórias, insondavelmente antiga, feérica e magnetizada, com todos os vidros das suas janelas cintilando. Animava-a uma veemência indistinta que aqui e além aflorava em ecos, rumores, perpassar de vultos, gritos longínquos e perdidos, reflexo de luzes sobre o rio.

Hans amou desde o primeiro momento a respiração rouca da cidade, o colorido intenso e sombrio, o arvoredado murmurante e espesso, o verde espelhado do rio. Na estrada que corria junto às margens viam-se bois enfeitados e vermelhos, puxando carros de madeira que chiavam sob o peso de pipas, pedra e areias.

O navio demorou-se vários dias no cais, carregando e descarregando. Na véspera da partida entre Hans e o capitão levantou-se uma furiosa querela.

Hans estava de pé no cais, vestido com uma pele de urso branco que encontrara no porão. No centro de um círculo, de marinheiros, que batiam palmas para marcar o ritmo, dançava e ria sacudindo uma pandeireta. Juntava-se gente. Como se se tratasse de um circo ambulante um grumete tirara o barrete e estendia-o aos espectadores que começavam a lançar moedas. A tarde corria sobre o rio.

Foi esta cena que o capitão viu quando, de súbito, irrompeu no convés. A sua barba vermelha brilhava de fúria. Hans, sozinho, no meio do círculo vazio, suportou com um sorriso calmo o rosto irado que o fitava. Houve um pesado silêncio.

- Desde isso - gritou o capitão. - Aqui não é um circo.

Hans, devagar, com um sorriso petulante, despiu a pele do urso e estendeu-a a outro grumete, dizendo: - Toma, meu pagem, leva o meu manto.

E a pele, sem que nenhum braço se estendesse para a receber, caiu mole no chão.

- Aqui não é um teatro - disse o capitão, olhando Hans na cara.

Hans sustentou o olhar e o seu sorriso tornou-se duro e teimoso.

- Apanha a pele - ordenou o capitão. - E vai para bordo, tu e os outros, todos para bordo.

No porão o capitão chicoteou Hans em frente dos homens calados. No fim disse-lhe:

- Agora aprendeste a ter juízo.

Mas nessa madrugada, em segredo, Hans abandonou o navio. Caminhou ao acaso na cidade desconhecida, perdido no som das palavras estrangeiras, perdido na diferença dos sons, da luz, dos rostos e dos cheiros, carregando o seu pequeno saco, procurando

nas ruas o lado da sombra. Através de grades de ferro pintadas de verde, espreitou o interior sussurrante de insondáveis jardins onde sob enormes arvoredos se abriam trémulos junquinhos. Parou em frente dos ourives para olhar as montras, à porta das adegas respirou a frescura sombria e o cheiro do vinho entornado. Caminhou ao longo do rio, na margem onde as mulheres, descalças, carregavam cestos de areia enquanto outras discutiam, aos magotes, cortando com grandes brados e largos gestos o ar liso da manhã. Penetrou nas igrejas de azulejo e talha que não eram claras e frias como as igrejas do seu país, mas doiradas e sombrias, numa penumbra trémula de velas onde negrumes e brilhos animavam o rosto das imagens que num incerto sorriso pareciam reconhecê-lo. Dormiu nos degraus de uma escada, sob os arcos da praça, nos bancos do jardim público e as noites pareceram-lhe mornas e transparentes.

Assim, diz-se, terá vagueado quatro dias, tonto de descobrimento, de espanto e de solidão. Mas ao quinto dia o seu ânimo quebrou-se. A língua estrangeira fechava em sua roda um círculo. De repente, reconheceu o seu exílio, a sua fraqueza. Foi então que um inglês chamado Hoyle que morava para o lado do rio o encontrou, a chorar, encostado ao muro da sua quinta e lhe bateu com a mão no ombro e o levou consigo e o recolheu.

Hoyle era armador e negociava no transporte de vinho para os países do Norte. Vivia naquela cidade há trinta anos, mas sempre como estrangeiro, sem aprender decentemente a língua da terra nem se habituar à sua comida. Só ao clima e aos vinhos se habituara. Para além das relações com empregados, criados e alguns comerciantes não convivia com indígenas. As suas relações e amizades eram só com ingleses, só falava bem inglês, só lia jornais ingleses e comia só comida inglesa com mostarda inglesa, na sua casa mobilada com mesas, cadeiras, armários, camas e gravuras inglesas e onde pairava sempre um cheiro inglês a farmácia.

Hans ficou a viver nessa casa, em parte como empregado, em parte como filho adoptivo.

A sua adolescência cresceu entre os cais, os armazéns e os barcos; em conversas com marinheiros embarcadigos e comerciantes. De um barco ele sabia tudo desde o porão até ao cimo do mais alto mastro. E, ora a bordo ora em terra, ora debruçado nos bancos da escola sobre mapas e cálculos, ora mergulhado em narrações de viagens, estudando, sonhando e praticando, ele preparava-se para cumprir o seu projecto: regressar a Vig como capitão de um navio, ser perdoado pelo Pai e acolhido na casa.

Dois dias depois de ter recolhido Hans, Hoyle levou-o ao centro da cidade e comprou-lhe as roupas de que precisava e também papel e caneta.

Hans escreveu para casa: pediu com ardor perdão da sua fuga, dizia as suas razões, as suas aventuras, o seu paradeiro. Prometia que um dia voltaria a Vig e seria o capitão de um grande veleiro.

A resposta só veio meses depois. Era uma carta da mãe. Leu: «Deus te perdoe, Hans, porque nos injuriaste e abandonaste. Manda-me o teu pai que te diga que não voltes a Vig pois não te receberá.»

Depois dessa carta, Hans sonhou com Vig muitas vezes. Era acordado de noite pelo clamor de tempestades em que naufragava à vista da ilha sem a poder atingir. Ou deslizava, ao lado do Pai, num grande lago gelado, rente à luz de cristal e havia em seu redor um infinito silêncio, uma transparência infinita, uma leveza e uma felicidade sem nome. Mas outras noites acordava chorando e soluçando, pois o seu pai era o capitão do

navio e o chicoteava brutalmente no convés e ele fugia e de novo ficava sozinho e perdido numa cidade estrangeira.

Os anos passaram e Hans aprendeu a arte de navegar e a arte de comerciar.

Hoyle nunca casara e, numa terra para ele estrangeira, não tinha família e as suas raras amizades eram pouco íntimas. No adolescente evadido ele via agora um reflexo da sua própria juventude aventureira que, há muito tempo, naquela cidade ancorara. Para ele, Hans era a sua nova possibilidade, o destino outra vez oferecido, aquele que iria viver por ele a verdadeira vida, que nele, Hoyle, estava já perdida como se o destino, tendo falhado seus propósitos, fizesse, com uma nova mocidade, uma nova tentativa. Assim, Hans era para ele não o herdeiro daquilo que possuía e fizera mas antes o herdeiro daquilo que perdera. Por isso seguiu passo a passo os estudos e a aprendizagem do adolescente, controlando a qualidade do ensino nas escolas onde o inscrevera e vigiando a competência dos superiores sob suas ordens a bordo o colocava. Aos 21 anos, já Hans era capitão de um navio de Hoyle e homem de confiança nos seus negócios.

Assim, desde muito cedo, Hans conhecera as ilhas do Atlântico, as costas de África e do Brasil, os mares da China. Manobrou velas e dirigiu a manobra das velas, descarregou fardos e dirigiu o embarque e desembarque de mercadorias.

Respirou o arfar dos temporais e a imensidão azul das calmarias. Caminhou em grandes praias brancas onde baloiçavam coqueiros, rondou promontórios e costas desertas, perdeu-se nas ruelas das cidades desconhecidas, negociou nos portos e nas fronteiras.

Escorrendo água do mar, estendido na praia, afastado um pouco dos companheiros, poisava sobre os ouvidos dois grandes búzios brancos, rosados e semi-translúcidos e pensava: «Um dia levarei estes búzios para Vig». E à noite, já a bordo, escrevia para casa uma longa carta que falava de búzios do Índico.

Encostado à amurada do navio em noite de luar e calmaria, com os olhos postos no grande olhar magnético da lua cujo rasto trémulo de brilho como o dorso de um peixe cortava a escuridão estática das águas, pensava: «Um dia contarei em Vig este brilho, esta escuridão transparente, este silêncio». No dia seguinte escrevia para casa, contando a noite, o mar, o luar.

Num porto distante, sentado a cear na varanda da hospedaria, sob a luz das lanternas de cor, enquanto se deslumbrava com a beleza das loiças, com seus desenhos azuis e seu branco azulado e descobria o sabor sábio dos temperos exóticos, pensava: «Levarei para Vig esta loiça e estas especiarias para alegrar e aquecer as ceias do Inverno». E, no dia seguinte, escrevia para casa contando o azul das loiças, a beleza das sedas e das lacas e as maravilhas do tempero. Mas, quando ao fim de longos meses regressou e Hoyle lhe entregou o correio chegado na sua ausência, as cartas da mãe, em resposta às notícias que do cabo do mundo mandara, eram sempre a mesma mensagem: «Deus te proteja e te dê saúde. Mas não voltes a Vig porque o teu pai não te quer receber.»

Quando estava já passada a sua primeira mocidade, um dia, à volta de uma das suas viagens, Hans encontrou o inglês doente. O mal atacara os seus olhos e a cegueira avançava rápida.

- Hans - disse ele -, estou velho e cego, já não posso tratar dos meus barcos, dos meus armazéns, dos meus negócios. Fica comigo.

Hans ficou. Deixou de ser empregado de Hoyle e tornou-se seu sócio. Sentado em frente da pesada mesa de carvalho recebia os comerciantes, os chefes dos armazéns e os capitães de navio. As suas narinas tremiam quando no gabinete entravam gentes vindas de bordo. Porque deles se desprendia cheiro a mar. A renúncia endurecia os seus músculos. À noite relatava a Hoyle as conversas que tivera, as decisões que tomara. Depois bebiam juntos um copo de vinho.

A vida de Hans mais uma vez tinha virado. Já não eram as longas navegações até aos confins dos continentes, o avançar aventuroso ao longo de costas luxuriantes e de costas desérticas, de povo em povo, de baía em baía. Agora verificava a ordem dos armazéns, o bom estado dos navios, a competência das equipagens, controlava as cargas e descargas, discutia negócios e contratos. As suas viagens iam-se tornando rápidas e espaçadas.

E Hans compreendeu que, como todas as vidas, a sua vida não seria mais a sua própria vida, a que nele estava impaciente e latente, mas um misto de encontro e desencontro, de desejo cumprido e desejo fracassado, embora, em rigor tudo fosse possível. E compreendeu que as suas grandes vitórias seriam as que não tinha desejado e que, por isso, nem sequer seriam vitórias.

Escreveu ao Pai. Disse-lhe que não era mais um navegador entre as ondas e o vento. Que era um homem estabelecido, em terra firme e que queria voltar a Vig. Foi a Mãe que respondeu à sua carta dizendo que o pai não o receberia.

Associado ao inglês, Hans começou a construir uma fortuna pessoal que nunca tinha projectado. Era um homem de negócios hábil porque se apercebia da natureza das coisas e da natureza das pessoas e negociava sem paixão. A fortuna não era nem a sua ambição, nem a sua aventura nem o seu jogo e nela nada de si próprio envolvia. Enriquecia porque a sua percepção e os seus cálculos estavam certos.

Algum tempo depois casou com a filha de um general liberal que desembarcara no Mindelo e cuja espada, mais tarde, transitando de herança em herança, se conservou na família. Escolheu Ana porque tinha a cara redonda e rosada e cheirava a maçã como a primeira mulher criada e como a casa onde ele nascera, e porque o seu loiro de minhota lhe lembrava as tranças das mulheres de Vig. Pouco antes do seu casamento Hoyle morrera e Hans fundara a sua própria firma cuja prosperidade crescia. Era agora um homem rico e também respeitado e escutado. A sua honestidade era célebre e a sua palavra era de ouro.

Parecia estar já inteiramente integrado na cidade onde, quase ainda criança, vagara estrangeiro e perdido. Conhecia um por um os notáveis do burgo: ele próprio agora era um dos notáveis do burgo, Amava o rio, o granito das casas e calçadas, as enormes tílias inchadas de brisas, as cameleiras de folhas polidas que floriam desde Novembro até Maio.

E foi no tempo das últimas camélias (vermelhas, pesadas e largas) que nasceu o seu primeiro filho.

Tinha sido decidido que a criança seria baptizada no seu sétimo dia de vida e que, após o baptizado, o primeiro navio de Hans seria lançado à água.

Tudo se preparava para a festa quando, na madrugada no sexto dia, o recém-nascido adoeceu. Foi baptizado de urgência recebendo o nome de Sirena. Foi Hans quem, dobrando o seu corpo, colocou no caixão o pequeno corpo deitado nas suas mãos abertas.

Mas não deixou adiar o lançamento do navio e no dia seguinte desceu a pé desde o cemitério até à doca.

Na manhã de Maio, as árvores estavam cheias de folhas novas, e ao longe, do outro lado da foz, a claridade brilhava na rebentação da praia, as ondas sacudiam as crinas como cavalos felizes e as gaivotas descreviam no céu grandes arcos festivos.

Quando o navio começou a deslizar Hans disse:

- Vai, Sören, Deus te proteja e navega por todo o mar.

Nasceu o seu segundo filho no tempo das primeiras camélias, em Novembro do seguinte ano. Era um rapaz grande e robusto e quando ele começou a andar Hans, mais uma vez, escreveu para Vig. E mais uma vez foi a Mãe que respondeu dizendo que o Pai não o receberia.

Os anos foram passando e a riqueza de Hans continuava a crescer. Nasceram-lhe mais cinco filhos, três rapazes e duas raparigas. Aumentou também o número dos seus barcos e a extensão dos seus negócios.

E de novo se multiplicaram as suas viagens. Mas não eram já os aventureiros caminhos da sua juventude: eram viagens de negociante que vai estudar mercados, abrir sucursais, estudar contratos e contactos. Porém quando a bordo, à noite, sozinho à popa, olhando o rasto branco da espuma, respirava o vento salgado, ou quando no seu beliche sentia o bater das ondas no casco, às vezes, de súbito, reencontrava a voz, a fala do seu destino. Mas era só o fantasma do Seu destino. Em rigor ele já não era quem era e tinha enalhado em sua própria vida. Já não era o navegador que no barco e no mar está em sua própria casa, mas apenas o viajante que por uns tempos deixou a sua própria casa aonde vai regressar. Já não era como se o barco fosse o seu corpo, como se o emergir das paisagens fosse a sua alma e o seu próprio rosto, como se o seu ser se confundisse com as águas.

A sua antiga fuga de Vig fora, de certa forma, inútil. Nem a traição lhe dera o seu destino.

E entre negócios e nostalgia, viagens e empreendimentos se foram os anos passando. No entanto parecia a Hans que algo em sua vida, embora fosse já tão tarde, era ainda espera e espaço aberto, possibilidade.

Quando a Mãe morreu, mais uma vez ele escreveu ao Pai. Mas do Pai nunca veio resposta e foi então que Hans compreendeu que jamais regressaria a Vig.

Passados alguns meses comprou uma quinta que do alto de uma pequena colina descia até ao cais da saída da barra. Entrava-se na quinta, pelo lado dos campos, por um portão de ferro que, depois de o passarmos, ao fechar-se batia pesadamente.

Em frente, surgia a casa, enorme, desmedida, com altas janelas, largas portas e a ampla escadaria de granito, abrindo em leque. Na parte de trás, corria uma longa varanda debruçada sobre os roseirais do poente.

Hans mandou fazer grandes obras. Da Boémia vieram os vidros de cristal lavrado das portas, semi-transparentes e semi-foscas e tendo gravadas as suas iniciais, vieram os copos, jarras, jarros, taças e compoteiras cuja transparência brilhava e tilintava em almoços e jantares. Da Alemanha, da França, de Itália vieram as sedas e os veludos dos cortinados e os móveis à última moda e muito do vinho das garrafeiras, vinho do Reno e Mosela e vinho tinto da Borgonha, vinho de Champagne e vinho de Itália, alinhados por ordem de origem ao lado dos vinhos das mestras e criadas, divagaram em explorações

sonhadoras, marfim encarnadas e brancas onde vieram jogar todos os campeões da região, o piano de cauda, onde tocaram meninas prendadas, mas também verdadeiros pianistas, os espelhos de fundo esverdeado, as caixas de laca com os tentos de madrepérola, os quadros de um realismo romântico onde se viam campos, aldeias, pontes e camponesas sonhadoras, vestidas à moda da Calábria. Chegavam lustres, bustos, estátuas e o enorme globo terrestre onde os filhos e os netos cismaram a geografia. Mas o grande maravilhamento das crianças era urna caixa rectangular e alta e para dentro da qual se espreitava através de dois óculos. Lá dentro se viam, em relevo e a cores, cenas de óperas e bailados. Fazia-se girar um botão e as cenas mudavam. E durante horas as crianças espreitavam, pois os óculos eram para elas janelas abertas para o jardim de um outro mundo, um mundo onde princesas, caçadores, pagens e bailarinas viviam misteriosos enredos, um mundo real e inacessível como o verdadeiro destino de cada um.

Tudo na casa era desmedidamente grande desde os quartos de dormir onde as crianças andavam de bicicleta até ao enorme átrio para o qual davam todas as salas e no qual, como Hans dizia, se poderia armar o esqueleto da baleia que há anos repousava, empacotado em numerosos volumes, nas caves da Faculdade de Ciências por não haver lugar onde coubesse armado.

Agora que os filhos cresciam, Hans gostava dos longos jantares. Além da família, sempre havia amigos e convidados, muitos deles gente de passagem, capitães de navios, negociantes, músicos que vinham dar concertos na cidade. Hans precisava da diversidade das companhias, de conversas que lhe trouxessem um eco de terras e vidas diferentes. E gostava da animação das vozes, da abundância e da qualidade das comidas, da excelência dos vinhos, da frescura e da beleza das rosas, do brilho das pratas do tilintar de copos e talheres. Entretanto, à medida que a vida ia cumprindo os seus ciclos, noivados, casamentos, nascimentos, baptizados iam povoando a casa de azáfama e festas, animando e dramatizando os dias, reajustando as relações dos personagens como num caleidoscópio, quando, num *clic*, se reajustam as relações das figuras.

Os filhos tinham crescido. As quatro Estações giravam.

De súbito, Hans não reconhecia o tempo. Como alguém que distraído deixa passar a hora em que devia comparecer em determinado jardim e se espanta que seja já tão tarde, assim agora ele se espantava como se não tivesse à passagem reconhecido os dias e, por descuido, tivesse deixado passar os anos sem comparecer à sua própria vida. E não sabia bem como tanto se atrasara, encalhado em hábitos, afazeres e demoras sem jamais surgir, assomar, à proa do navio, no horizonte de Vig. Faltava algo que lhe era devido.

E agora deitava-se tarde. Quando os convidados saíam e a casa adormecia, ficava sozinho no átrio, sentado à mesa redonda onde se empilhavam as revistas do mês e os jornais da semana. Folheava o *Times*, via as cotações da Bolsa de Londres, programava e meditava os seus próprios empreendimentos. Pensava na mulher, nos filhos que tinham crescido, e que, ao crescer, se tinham ido definindo, enquanto ele, atentamente, procurava neles parecenças - ecos de memórias, sombras de rostos amados e perdidos. Depois o seu pensamento derivava e a alta proa do grande navio avançava com terra à vista ao longo de praias desertas. O cheiro de África penetrava o seu peito. Via as florestas, as embocaduras, ouvia gemer os mastros. Dispersas memórias irrompiam: sob

a vasta noite atlântica estava deitado no convés com o brilho das estrelas sobre o rosto, ouvindo o bater do mar no barco e o bater das velas inchadas e, sobre o seu corpo, corriam brisas e alísios salgados e, brandamente, penetrava no interior do universo e da noite. Estava sentado num pequeno muro em frente do cais de um porto chinês onde juncos e faluas se cruzavam, enfeitados de cores vivas, cheias de vozes, luzes e músicas: e as cores e as luzes reflectiam-se deslizando nas águas e as vozes e as músicas flutuavam no ar pesado e leve das noites. E no *souk* de Marrocos um rapaz sentado no chão respirava uma rosa. Sentia ainda a frescura do leite e a doçura das tâmaras que lhe tinham oferecido à chegada e como então descobriu um luxo que não era a pesada riqueza da Europa, mas era silêncio e rumor de água e o cerimonial das vozes, das palavras e dos gestos. E no canto do átrio vazio cismava vagamente, nem sequer sabendo que cismava, debruçado sobre papeladas, contas e jornais ingleses. Mas de súbito estremecia e passava para além do próprio cismar: a memória de Vig subia à flor do mar. Os nevoeiros marítimos invadiam a sua respiração. Desde o horizonte os navios avançavam para a ilha. Grandes velas côncavas e abertas, negros cascos cortando as águas frias. Vozes roucas no cais, cabos puxados, amarras, azáfama do atracar, dedilhar de água nas pedras, vaivém de botes. Descarga, roldanas, manobras, ordens. E um por um, nimbados de sal e distância, queimados pelo vento e pelo sol, altos homens de largos ombros desembarcavam na tarde fria e, daí a poucas horas, já de boca em boca, de casa em casa, corria a notícia das suas pescarias, das tempestades atravessadas, das singraduras percorridas, dos perigos, medos e maravilhas que tinham encontrado. E daí em diante a sua história seria contada junto ao lume dos longos Invernos e, cismada por crianças, sonhada por adolescentes, entraria no grande espaço mítico que é a alma da vida. Mas dele, Hans, burguês próspero, comerciante competente, que nem se perdera na tempestade nem regressara ao cais, nunca ninguém - contaria a história, nem de geração em geração, se cantaria a saga. Fechou os livros de contas, dobrou os jornais, levantou-se pesadamente e atravessou como estrangeiro a sua casa. Vagos os espelhos luziam nas penumbras. Neles uma pesada imagem sua, não reconhecida, passava.

Porém em redor da casa os anos faziam crescer os jardins e pomares. As cerejas brancas e as camélias da quinta tornaram-se célebres. Nas cerejas brancas havia um leve sabor a amêndoa, um levíssimo travo amargo cortando a doçura sumarenta da polpa. Em Novembro as primeiras camélias eram de um rosa pálido e transparente e mantinham-se direitas e rijas na haste. Os seus troncos largavam nos dedos um pó escuro que as crianças limpavam ao bibe.

E ritmados pelas quatro estações, os anos passavam e, como as tílias e os pomares, a nova geração de crianças crescia. No fundo da quinta, para os lados da barra, Hans mandou construir uma torre. Segundo disse para ver a entrada e a saída dos seus barcos.

Daí em diante, de vez em quando, à tarde, em vez de trabalhar no escritório, trabalhava no quarto da torre onde recebia os empregados e as pessoas que o procuravam. Consigo às vezes levava Joana, a neta mais velha, que achava na torre grande aventura e mistério, e a quem ele ensinava o nome e a história dos navios.

Depois, quando queria trabalhar, dava à neta lápis e papel para que ela desenhasse enquanto ele se debruçava sobre contratos, cartas, livros, contas, relatórios.

Mas Joana desenhava pouco. Levantava a cabeça e fitava intensamente Hans pois algo na sua cara a fascinava e inquietava. E via então que também ele não trabalhava: para além da barra, para além da rebentação, os seus olhos fitavam os verdes azuis do horizonte marinho.

- Avô - disse Joana - porque é que está sempre a olhar para o mar?

- Ah! - respondeu Hans. - Porque o mar é o caminho para a minha casa.

E os anos começaram a passar muito depressa. E uma certa irrealidade começou a crescer.

Hans agora já não viajava. Estava velho como um barco que não navegava mais e prancha por prancha se vai desmantelando. Tinha as mãos um pouco trémulas, o azul dos olhos desbotado, fundas rugas lhe cavavam a testa, os cabelos e as compridas suíças estavam completamente brancas. Mas era um velho imponente e terrível, alto e direito em seu pesado andar, autoritário nas ordens que dava e sempre um pouco impaciente e taciturno.

Quando adoeceu para morrer, ia Novembro perto do fim, As camélias brancas estavam em flor, levemente rosadas, macias, transparentes. Algumas lhe trouxeram ao quarto, apanhadas à beira do roseiral.

Num tempo ainda sem radiografias morria em casa à maneira antiga, de uma doença incertamente diagnosticada, rodeado pela mulher, pelos filhos, por criados antigos e médicos e enfermeiros. A incerteza do diagnóstico era, de certa forma, uma misericórdia. Quase até ao fim todos esperaram que o homem robusto sacudisse a doença.

Durante seis dias, Hans sereno e consciente pareceu resistir. Mas ao sétimo dia a febre subiu, a respiração começou a ser difícil e na sua atenção algo se alterou. No quarto o ambiente tornou-se sussurrado, com luzes veladas e gestos silenciosos como se cada pessoa tivesse medo de quebrar qualquer fio.

Ao cair da noite, Hans - que durante longas horas parecera semi-adormecido - abriu os olhos e chamou.

A mulher e os filhos debruçaram-se sobre ele para o ouvir.

- Quando eu morrer - pediu Hans - mandem construir um navio em cima da minha sepultura.

- Um navio? - murmurou o filho mais velho. - Um navio como?

- Naufragado - disse Hans.

E, até morrer, não falou mais.

Talvez Hans estivesse já delirante quando pronunciou as últimas palavras, pensou-se. No entanto o pedido foi cumprido.

Hans foi enterrado no lado sul do cemitério, no terreno reservado aos protestantes. Daí se vê o rio, a barra, o mar e, ao longo das avenidas, os plátanos arrastam no Outono as suas folhas.

Em pedra e bronze, com mastros quebrados e velas rasgadas, o navio foi construído sobre a campa de Hans. Este estranho jazigo que entre lápides, bustos, anjos de pedra, canteiros e piedosas cruzes tinha algo de arrebatado e selvático, tornou-se depressa um dos monumentos famosos da cidade e vinha gente das redondezas para o ver.

A sua enorme sombra inquieta quem passe sozinho na avenida dos plátanos e muitos perguntam porquê tão estranha sepultura. Porém é nesse navio que, nas noites de temporal, Hans sai a barra e navega para o Norte, para Vig, a ilha.

in Sophia de Mello Breyner, *Histórias da Terra e do Mar*, 1972.